

Vozes silenciadas: uma visão pós-colonial em Beiradão

FANCIENE SOUSA BATISTA
EDIMILSON SOUSA MACÊDO
RONILSON DE SOUSA LOPES
SÔNIA MARIA GOMES SAMPAIO

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo analisar o romance *Beiradão* de Álvaro Maia. A composição do romance são as histórias e os relatos de remadores e beradeiros da região do Rio Madeira. A partir da teoria pós-colonial, a obra tem como foco o seringueiro, desconstruído de seus valores pela relação entre padrão explorador e seringueiro explorado. Como aporte teórico, são utilizados autores como Souza (2009), Memmi (2007) e Bonnici e Zolin (2019).

PALAVRAS-CHAVE: *Beiradão*. Seringueiro. Colonizador. Colonizado. Pós-Colonialismo.



FANCIENE SOUSA BATISTA

Mestranda no curso em Estudos Literários da Universidade Federal de Rondônia ((UNIR); professora na rede básica de ensino do estado de Rondônia (SEMED/ SEDUC - RO); participante no Grupo de Pesquisa em Letramento Literário: estudos de narrativas da/na Amazônia (GPELL-NARRAM), vinculado a UNIR. E-mail: fan_liene@hotmail.com.

EDIMILSON SOUSA MACÊDO

Mestrando no curso em Estudos Literários da Universidade Federal de Rondônia (UNIR); professor de na rede básica de ensino do estado de Rondônia (SEMED/ SEDUC - RO); participante do Grupo de Pesquisa em Letramento Literário: estudos de narrativas da/na Amazônia (GPELL), vinculado a UNIR. E-mail: macedoedimilsonsousamacedo@yahoo.com.br

RONILSON DE SOUSA LOPES

Mestrando no curso em Estudos Literários da Universidade Federal de Rondônia (UNIR); professor no Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Amazonas (IFAM - Campus Lábrea). E-mail: lovespav@yahoo.com.br.

SÔNIA MARIA GOMES SAMPAIO

Doutora em Educação Escolar no eixo de Gestão e Políticas Públicas pela Universidade Estadual Paulista; professora na Universidade Federal de Rondônia (UNIR); participante do Grupo de Pesquisa em Letramento Literário: estudos de narrativas da/na Amazônia (GPELL), vinculado a UNIR. E-mail: soniagogomesampaio@gmail.com.

Silenced voices: a post-colonial vision in Beiradão

ABSTRACT: This article aims to analyze the novel *Beiradão* by Álvaro Maia. The composition of the novel are the stories and accounts of rowers and bordermen from the Madeira River region. From postcolonial theory, the work focuses on the rubber tapper, who is deconstructed from his values by the relationship between exploiter boss and exploited rubber tapper. As a theoretical contribution, there is Souza (2009), Memmi, (2007) and Bonnici and Zolin (2019).

KEYWORDS: *Beiradão*. Rubbertap. Colonizer. Colonized. Post-Colonialism.

RECEBIDO: 18/02/2020

APROVADO: 26/03/2021

1 Introdução

O romance *Beiradão*¹ de Álvaro Maia possibilita analisar a influência da produção literária em relação à política manauara no início do século XX. Nesse sentido, sua obra apresenta características que comprovam que o processo político recebia forte influência da economia da borracha. Isso se justificava do ponto de vista do colonizador, nesse caso os donos de seringais, como um meio para manter a situação de domínio e exploração entre os seringalistas e os seringueiros, imigrantes nordestinos que eram, de certa forma, submetidos a regimes de trabalho análogos à escravidão.

A figura de Álvaro Maia foi sendo construída por meio de sua atuação que assimilava a atividade de intelectual, jornalista e artista. Esses atributos contribuíram para que ele tivesse uma participação ativa no mundo político manauara graças a uma notoriedade alcançada no mundo das letras. A realidade ficcional que ele retrata no seu romance supracitado conduz o leitor para uma análise e reflexão da realidade vivida pelo seringueiro, pelos beradeiros (aqueles que vivem na beira do rio) e pelas populações indígenas na época da exploração da borracha nos seringais amazônicos, especificamente às margens do Rio Madeira e de seus afluentes como o Rio Jamari e o Rio Machado. Em outras palavras:

Ponto de chegada de “cosmopolitas de todos os países”, o espaço geográfico da Amazônia termina sempre como um personagem em luta com os contrários de sua própria condição. A nação brasileira lá vem exercitando, de maneira mais radical, porque muito recentemente, a democracia. Por isso mesmo, é lá onde a reação ao processo democrático se dá de modo mais violento, provocando martírios individuais e coletivos (SANTOS, 2010, p.184).

O discurso presente na obra *Beiradão* mostra a visão distorcida do seringueiro sobre a exploração da borracha. “O seringal, com seus processos retardados, era uma taba evoluída. Mandava o coronel, como um pajé e mandava sem prestar conta de seus atos” (MAIA, 1958, p. 15). Com uma grande ilusão o imigrante

1 O termo beiradão ou beradeiro é utilizado para representar o homem que vive à margem dos rios principais, onde se fixaram os primeiros desbravadores do território amazonense e permaneceram os seus descendentes (cf. MAIA, 1958).

deslocava-se das suas origens em busca de riqueza na extração da borracha. No entanto, deparava-se com uma realidade bem diferente, na qual trabalhava em condições insalubres e era mal remunerado. Além disso, as dívidas que contraía com os patrões para a sua própria sobrevivência ultrapassavam, em muito, o valor do seu salário:

Muitas vezes, perdiam o suor de anos seguidos, nas brenhas e serras do Machado, nessa lenta espera em Manaus, com despesas no cabeça-de-porco e com o mulherio livre. Dissipava-se o sonho de rever o sertão. Novamente endividados, retornavam cabisbaixos ao interior, a fim de reconquistarem o tempo perdido (MAIA, 1958, p. 12).

O romance *Beiradão* serve como um instrumento que expõe e dialoga com uma visão pós-colonial. Portanto, através dessa narrativa exposta ficcionalmente na obra é possível se verificar a posição subalterna dos seringueiros em relação aos donos dos seringais. Essa visão pós-colonial é importante para fazer emergir a voz daqueles que permaneceram em silêncio e à margem da estrutura social. Daí a importância da obra como um instrumento que dá visibilidade ao seringueiro imigrante, bem como ao bera-deiro e ao índio.

Desde a sua descoberta, a Amazônia é atração para muitos estudiosos e exploradores, pela sua exuberância e quantidade de espécies animais, vegetais e minerais. Foram as espécies vegetais que despertaram a cobiça dos seus exploradores, pois eles viram nelas uma fonte de riqueza inesgotável. A seringueira, árvore nativa da Amazônia, destaca-se na floresta pela sua exuberância de tamanho e produção de um leite que é matéria-prima para a borracha. Conhecida como ouro verde, essa árvore representa metaforicamente riqueza, poder e exploração, como infere Souza (2009, p. 237 - 238) quando diz que “[...] os portugueses logo batizaram aquela árvore de seringueira”.

A exploração da borracha na Amazônia é dividida em dois ciclos. O primeiro ciclo teve uma grande repercussão em diferentes estados do país e no mundo. Porém esse efeito foi maior na região Nordeste, pois havia homens que lutavam contra a fome e a seca que atingiam essa região:

[...] nas últimas décadas do século XIX, quando o “ciclo” tomou impulso, já era um comércio francamente estabilizado. A Amazônia enviava regulares partidas de objetos manufaturados, como garrafas e sapatos, para o florescente mercado europeu e norte-americano. (SOUZA, 2009, p. 238).

O romance *Beiradão* apresenta como ambiente para desenvolver seu enredo os seringais localizados às margens do Rio Madeira e seus afluentes. O personagem principal da obra é o seringueiro Fabio Moura, ex-seminarista e imigrante nordestino. É em torno dele que a trama se desenvolve, mas existem outros personagens como Firmo Segadais, Padre Silveira e o Coronel Francisco Moreira. O antagonista ou vilão do romance é o Governo que se mostra inerte frente à situação de exploração a que o seringueiro é exposto. Como reflete o texto:

Nessa época, mesmo nas senzalas da polí-tica, ferro em brasa marcava o indivíduo, como letras cadentes em lombos de animália ou peles de borracha. Surras estigmatizavam os rebeldes, na cadeia ou nas ruas. Escrever nas folhas, ou censurar nas esquinas, acabava em agressão a chibatadas de peixe-boi, ensebadas e flexíveis (MAIA, 1958, p. 23).

Iremos analisar a obra dando ênfase aos capítulos que demonstrem a realidade vivida pelo seringueiro. Sabemos que, por se tratar de uma obra literária, devemos partir da obra para demonstrar o fato real que ocorreu, pois estamos analisando a obra literária e não o fato real. A obra é um instrumento que reflete sobre o fato; por isso, é possível uma análise a partir de um ponto de vista crítico e literário. Adotamos uma visão pós-colonial que é uma corrente crítico-literária que toma corpo a partir dos Estudos Culturais. Para Bonnici e Zolin (2019, p. 253), “a teoria e crítica pós-colonialistas, constituindo uma nova estética pela qual os textos são interpretados ‘politicamente’, baseiam-se na íntima relação entre o discurso e o poder”.

A Amazônia, na primeira metade do século XX, vivia o auge da riqueza com a construção de suntuosos prédios e uma urbanização aos moldes europeus, de forma especial em Manaus e Belém

que eram os centros dos grandes comerciantes ou barões da borracha. No período referente à extração do látex, cerca de 40% de toda a exportação brasileira era derivada da Amazônia e paga em libra esterlina, a moeda do Reino Unido. Com a valorização da borracha, houve um desenvolvimento da região, pois surgiram muitas vilas e povoados a beira dos rios. As cidades que ficavam próximas dos seringais, como Porto Velho, desenvolveram-se e receberam uma melhor infraestrutura nas áreas de saúde e educação. O comércio também se desenvolveu e houve uma pequena melhora de vida da população.

Sabemos que a obra literária é um instrumento de comunicação que dialoga com realidades sócio-históricas e que é importante que mostremos a relação entre a obra e os fatos históricos da época. Para Reuter (2014, p. 21), “a *ficção* (também chamada de *diegese*), remete aos conteúdos reconstituíveis, que são postos em cena: o universo espaço-temporal, a história, as personagens [...]”. Desse modo, iremos tratar dos ciclos da borracha, que compreendem a extração e comercialização do produto nos seringais amazônicos, inicialmente de 1879 a 1912 (primeiro ciclo) e posteriormente de 1942 a 1945 (segundo ciclo).

2 O primeiro ciclo da borracha

Os primeiros contatos dos europeus com os índios da Amazônia possibilitaram que tomassem conhecimento da utilidade do látex como matéria-prima para a fabricação de vários artefatos. Isso despertou o interesse dos europeus para a utilização do látex na fabricação de produtos como borracha de apagar, bombas de sucção, bolas e botas. Porém, a utilização do produto pelos europeus ainda era em baixa escala, pois apresentava características naturais que dificultavam a importação. Era um produto pegajoso e mole, devido ao calor da região e, quando exposto a baixas temperaturas, era duro demais.

De acordo com Souza (2009, p. 236), o ciclo da borracha foi definido como: “[...] um dos mais efêmeros ciclos econômicos do Brasil. Da humilde origem em 1870 o extrativismo da borracha ocupou em 1910 um quarto das exportações brasileiras”. Em 1763

vários químicos franceses descobriram como dissolver a borracha com terebintina e éter e em 1770, Joseph Priestley cria a borracha com a intenção de apagar o grafite. O processo de extração e fabricação da goma de látex despertou interesses comerciais quando por volta de 1943, o naturalista francês Charles Marie La Condomine descreveu esse processo.

Então, a partir do século XIX, a exploração da borracha já era uma realidade. Em 1803, na cidade de Paris, era fundada a primeira fábrica de produtos de borracha; em 1823, o inglês Thomas Hancock cria o elástico e, em 1839, Charles Goodyear desenvolve o processo de vulcanização, tornando o látex um material viável para utilização industrial. Mais ainda:

Em 1910, as fábricas norte-americanas produziam perto de 200.000 automóveis por ano, e cada carro produzido, independentemente do seu tamanho, preço ou modelo, exigia pelo menos quatro pneus e um estepe, feitos quase que exclusivamente de borracha da Amazônia [...] (WEINSTEIN, 1993, p. 191).

A região amazônica detinha uma grande quantidade de seringueiras, árvore que produz o látex. Com isso, houve o surgimento de vários seringais para extração da seiva vegetal, pois os europeus e norte-americanos necessitavam do produto em grandes quantidades. Para que fossem abertos esses seringais, seria necessário capital que o Brasil não dispunha para investir. Desta feita, houve a entrada de capital estrangeiro em grande quantidade no país. A partir de então, com o capital de giro estrangeiro, o processo de extração e exportação do produto passou a ser controlado pelos estrangeiros, bem como os portos e toda a navegação da região, além de um controle dos governos locais.

Dentro desse contexto histórico, econômico e social, a região passou a ser controlada por ingleses e norte-americanos que, em um processo de exploração colonial, passaram a utilizar o seringueiro como uma mão de obra pouco valorizada. Para conseguir essa mão de obra, recrutavam pessoas que viviam na pobreza extrema da região Nordeste do Brasil, vendendo a ilusão de riqueza e de boas condições de trabalho. Contudo, ao chegarem na região, os imigrantes seringueiros encontravam uma realidade completamente

diferente: “O trabalhador dos seringais chegava a enfrentar uma jornada de trabalho de até doze horas diárias, sem contar com os maus tratos cometidos pelo seringalista” (SILVA, 2010, p. 80). A vida era marcada por muito trabalho em precárias condições, bem como pelo endividamento com o patrão. “Os que realmente lucravam com a extração da borracha” (SILVA, 2008, p. 99).

A conjugação de períodos de seca e depressão econômica levaram o Nordeste brasileiro, principalmente o Estado do Ceará, a participar com o maior número de imigrantes, que a partir de 1877 foram chegando em levadas desordenadas, para a seguir se transformar numa rotina perversa, resultando num quadro terrível de exploração humana. (SOUZA, 2009, p. 276).

Alguns fatos históricos contribuíram para a decadência do extrativismo do látex na Amazônia. O mais importante foi o contrabando de semente de seringueiras do Pará para a Inglaterra em 1877, quando mais de 70 mil sementes de seringueiras foram furtadas da flora brasileira, em um escandaloso caso de biopirataria. Este fato marca o início deste primeiro ciclo. Outro fato que marca o primeiro ciclo da borracha é a rebelião acreana. Com o aumento da demanda da borracha, também houve um aumento da produção da goma elástica. Os nordestinos chegavam em grande quantidade para ocupar a região do alto Madeira, quando então avançavam sobre áreas ribeirinhas ocupadas por bolivianos. Como se não bastasse, avançavam também no território daquele país nas áreas pertencentes ao Acre. Naquela região, existiam muitos seringais que aos poucos foram sendo ocupados por seringueiros nordestinos. Esse fato desencadeou o movimento de rebelião entre brasileiros e bolivianos.

Inquestionavelmente o Acre pertencia à Bolívia, fato já reconhecido anteriormente na época do império pelo Brasil. No entanto, por ser o Acre a maior região produtora da goma elástica no mundo, a cobiça brasileira aumentou sobre aquela região. Por não existir marcos divisórios entre os territórios brasileiros e bolivianos, passou a existir dúvidas sobre a extensão da fronteira entre os dois países. Com isso, o Brasil passou a disputar a região sendo

que o estado do Amazonas estendeu sua jurisdição sobre aquele território, passando a cobrar-lhe impostos. A Bolívia resistiu e, em meio a um processo de demarcação do território, também criou uma alfândega na região passando a cobrar impostos. A partir de então, houve uma insatisfação geral dos brasileiros que habitavam a região e começou a rebelião separatista.

Em paralelo a esse acontecimento, outro fato foi fundamental para que o Acre fosse declarado independente da Bolívia. Tratava-se de um acordo assinado entre Bolívia e Estados Unidos contra o Brasil. Esse acordo obrigava o Brasil a reconhecer o Acre como parte do território boliviano, além de afirmar a posição americana contra o Brasil em caso de guerra com a Bolívia. O documento foi entregue a um funcionário do consulado boliviano em Belém para ser vertido do espanhol, para o inglês. Luís Galvez Rodrigues, um espanhol que trabalhava no consulado boliviano em Belém, ciente do documento e das consequências que ele trazia para o Brasil, dirigiu-se a Manaus e apoiado extraoficialmente pelo governo do Amazonas marchou rumo ao Acre com dinheiro, armas e munições para declarar independente do Brasil e da Bolívia aquele território, passando a ser República Independente do Acre.

Em 1903, o governo brasileiro, em negociação com o governo boliviano, adquire oficialmente o controle do Acre, mediante o pagamento de 2 milhões de libras esterlinas, da entrega de territórios do Mato Grosso e da construção de uma ferrovia para escoar os produtos da Amazônia. Assim, as obras para construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré tiveram início em 1907 e foram concluídas em 1912, resolvendo o problema de navegação do rio Mamoré, com mais de vinte cachoeiras.

Em 1910, tem início a concorrência da *hevea brasiliensis* plantada na Ásia, utilizando aquelas sementes contrabandeadas décadas antes e produzindo a custos muito inferiores aos da mata nativa no Brasil. Contudo, a estrada de ferro Madeira-Mamoré entrou em decadência na década de 1930 e foi desativada em 1972. O que provocou uma queda brusca no preço do látex, tornando impossível a exploração comercial da borracha amazônica. Com isso, a fabricação de borracha brasileira entra em crise, paralisando a economia nas regiões produtoras.

3 O segundo ciclo da borracha

O segundo ciclo da borracha ocorreu entre os anos de 1942 a 1945, durante o contexto da Segunda Guerra Mundial. Em 1941, o governo brasileiro fez um acordo com o governo norte-americano para a extração de látex na Amazônia. Desse modo, quando os japoneses invadiram a Malásia em 1942, tomando o controle dos seringais, os EUA, por meio de seu Departamento de Guerra, repassaram mais de 100 milhões de dólares ao Brasil em troca de artigos necessários à defesa nacional, dentre eles, a borracha.

A comoção foi tanta que foi preciso a criação de um Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia, instituído em 1943, para o alistamento compulsório especialmente de nordestinos que sofriam com a seca. Este evento ficou conhecido como a Batalha da Borracha, a qual mobilizou mais de 100 mil soldados da Borracha:

A operação provocou indícios e possibilidades de um retorno aos velhos tempos. Foram anos de euforia econômica, o dinheiro voltava a circular em Manaus e Belém, fazendo surgir até uma tímida especulação imobiliária, muito proveitosa, já que era bom negócio alugar casa para os funcionários dos diversos organismos que lidavam com a produção da hévea (SOUZA, 2009, p. 320).

A borracha sintética produzida após a Segunda Guerra anulou qualquer pretensão comercial da borracha amazônica, que definiu em 1960. Neste cenário muitos seringalistas perderam sua vida: “[...] uma comissão de inquérito do Congresso Constituinte, avaliou que cerca de vinte mil trabalhadores morreram nos seringais” (SOUZA, 2009, p. 321). Porém, para o narrador de *Beiradão*, essa contagem é apenas simbólica e maquia a mortalidade que ocorria nos seringais: “Só a Amazônia, ilusória e misteriosa, entreabrindo os boqueirões aos trabalhadores. Centenas morriam, milhares se salvaram, carregando o Brasil nos ombros magros [...]” (MAIA, 1958, p. 24). Atualmente, São Paulo é o maior produtor brasileiro de borracha natural.

4 A mão de obra nos seringais

O trabalho na extração e defumação do látex teve como mão de obra a figura do negro, de forma mais moderada, e também a do índio. Para Souza (2009, p. 133), “[...] o braço indígena era largamente utilizado na exploração de produtos naturais”. As populações ribeirinhas também se tornaram uma aliada mão de obra, mas principalmente o trabalho do imigrante nordestino se tornou indispensável:

A borracha exigia trabalho extensivo e muita mão de obra. A região não contava com uma mão de obra barata, era preciso trazer do Nordeste e de outras terras, financiar a imigração e estabelecer e treinar os trabalhadores. Mesmo num regime de espoliação aberta dos trabalhadores, custava caro arregimentar mão de obra (SOUZA, 2009, p. 237).

Ao chegar à região, o imigrante adentrava à selva e ia residir em barracões e abrigos em situação precária nos seringais. “A aprendizagem seria no próprio local. Em poucas lições, na era dos machadinhos, o brabo aprenderia a sangrar, cortar, colher e defumar” (MAIA, 1958, p. 26). Lá estabelecia sua morada que, de provisoriedade, muitas vezes tornava-se permanente, pois os preços altos dos aviadores os deixavam em débitos frequentes. Formado na sua grande maioria apenas por homens, os seringais eram locais isolados dos grandes centros, fazendo com que houvesse quase um aprisionamento do seringueiro no meio da floresta. Naquele local, passava a depender quase que exclusivamente dos seringueiros e de seus representantes ou patrões. Para Bonnici e Zolin (2019, p. 258), “entre o colonizador e o colonizado estabeleceu-se um sistema de diferença hierárquica fadada a jamais admitir um equilíbrio no relacionamento econômico, social e cultural”.

As colocações, por sua vez, ficavam muito afastadas da sede do seringal e das margens dos rios, onde o seringueiro vivia um isolamento social e sexual. A mão de obra seringueira era recrutada no Nordeste e a intensa migração se devia às secas inclementes, à perda de postos de trabalho e ao empobrecimento dos povos. Essa forma de migração se chamava informalmente

de “migração solteira”, pois o retirante nordestino não podia se fazer acompanhar de sua família nem de sua esposa, sob hipótese nenhuma. Era, portanto, uma imigração predominantemente masculina (MATIAS, 2018).

5 O seringueiro como personagem do romance *Beiradão*

O seringueiro é o personagem principal do romance *Beiradão*. Esse personagem representa a figura daquele que extrai o látex das seringueiras e viabiliza sua transformação em borracha natural e o autor da obra apresenta uma realidade que ocorreu na região dos seringais como um estereótipo que precisa ser visto pelo leitor. *Beiradão* é um romance que mostra o poder dos coronéis de barranco na região e a exploração do homem migrante e pobre do Nordeste. É uma saga do sofrimento, do abandono e do silêncio daquele que produziu riquezas para o Brasil.

O romance é importante, porque mostra uma realidade que foi camuflada por muitos anos, sendo que a grande maioria das pessoas viam nos seringais uma possibilidade de melhoria de vida. A história oficial muitas vezes distorceu ou encobriu essa realidade para não expor o descaso do governo em relação às condições de penúria e abandono que viveu o seringueiro. “Os seringueiros remavam, revolvendo as águas, que ferviam em gotas de platina. A canoa seguia o sombreado das embaúbas e caxingubas, cortando pontas de acanaranas, que aljofravam humidade, igual a gelo moído” (MAIA, 1958, p. 16). A borracha *in natura* é considerada um produto estratégico para a economia mundial. Sempre foi vista como uma matéria-prima de grande valor econômico. Com ela, houve um apogeu econômico do país que beneficiou os barões da borracha e escravizou o seringueiro. Muita riqueza girou em torno do látex na Amazônia brasileira, de palácios suntuosos até posições políticas e sociais privilegiadas para poucos. No entanto, o homem seringueiro foi marginalizado, espoliado e esquecido nesse processo. Por isso, esse romance é um divisor de águas nesse contexto de esquecimento e abandono do homem seringueiro.

6 Visão pós-colonial no romance *Beiradão*

Uma perspectiva analítica pós-colonial do romance predomina ao salientar a posição opressora entre colonizador e colonizado. Nessa esfera, veremos a solidão, ausência de subsídios que afetavam drasticamente a vida desse personagem tão importante para a economia de goma no Brasil:

O período colonial deixou traços profundos na Amazônia. Do mesmo modo como em outras regiões marcadas pela conquista, o processo histórico da Amazônia está perfeitamente inscrito no grande choque que foi a chegada dos europeus no continente americano (SOUZA, 2009, p. 117).

O livro em questão inicia-se com uma definição de quem é o beradeiro: “Intitula-se beiradão a margem dos rios principais, onde se fixaram os primeiros desbravadores e permaneceram os seus descendentes” (MAIA, 1958, p. 7). O autor relata que seria através desses afluentes de água preta que se faria a distribuição das mercadorias e armazenamento da produção conduzidas em gaiolas e motores para os centros importadores. Segundo Maia (1958), nesta primeira conquista, aportavam ao Madeira as primeiras levas nordestinas que se misturavam aos bolivianos e nativos e seria onde se desenrolariam as cenas de holocaustos e dramas fascinantes.

O primeiro capítulo do romance, “Bamburral”, tem como personagem principal/narrador Fábio de Moura, um meio padre, cujo objetivo inicial era relatar o evento que demonstrava a continuidade dos coronéis no poder legislativo. Esses coronéis se elegiam e/ou beneficiavam os deputados que, futuramente, lhes serviriam favores, permanecendo no domínio da massa dominadora. “Enfurnado no pequeno seringal, com o batismo de polineurites e indiadas, nos primeiros anos de desbravamento, pelos igarapés de água preta” (MAIA, 1958, p. 13). Assim, se inicia a trajetória de Fábio pelas corredeiras dos rios na região amazônica.

Na primeira citação em relação ao seringueiro, o autor demonstra o desalento que era a vida desse infeliz que trabalhava por anos e via os seus saldos e valores reduzidos a nada, graças aos preços exorbitantes do seu custo de vida. A maioria dos seringueiros não

conseguia alcançar os seus objetivos – alguns conseguiam um pouco de saldo, porém gastavam com o mulhério; outros conseguiam voltar aos seus lares, porém doentes e emagrecidos; e outros mais infortunados virariam adubos para o solo amazônico. Esse indivíduo seria submetido a um salário ínfimo, a pouco vestuário, a uma condição desumana de trabalho e, finalmente, à morte por contrair doenças que não podiam ser tratadas naqueles lugares e, por vezes, eram endemias.

O texto remete à extrema solidão dos seringueiros, a qual recebia o nome de “solidão verde”, uma experiência de extrema segregação da sociedade e “a fome de sexo” (MAIA, 1958). Essa solidão era ordeira e os seringueiros obedeciam aos comandos do coronel que mandava em tudo, sem regras e sem prestar conta de seus atos a uma corregedoria, em uma época que não havia o socorro de um telégrafo ou de um avião. A chegada até os seringais era uma dura viagem em um barco, em que enfrentavam vento frio, chuvas e tinham suas roupas tiradas durante as tempestades e guardadas em sacos de seringa:

Muitos seringueiros egressos dos centros habitados morriam de febre-negra ou beribéri. Morriam à míngua, tremendo ou imobilizados nas redes, sem socorro de ninguém, com as pernas inchadas, sem poder andar, até o cinto infernal, que asfixia devagarinho, abafando o coração (MAIA, 1958, p. 24).

Os beiradões serviam de aporte para os seringueiros que estavam doentes ou com saldos, pois era ali que os mesmos poderiam se restabelecer. Era uma alegria chegar do Machado, do Jamari sem nenhuma doença. Quando um seringueiro morria devendo e não havia para quem apelar, mulheres e filhos respondiam pelo defunto. As viúvas eram tratadas como mercadorias e, se tivessem condições de se casar novamente, elas eram ofertadas a outros seringueiros que tinham saldos. Os candidatos a maridos podiam ser novos ou velhos e a viúva enlutada não tinha escolha, a maioria aceitava e continuava seguindo a vida.

Aos aprendizes, as boas novas se davam da seguinte forma: o coronel se aproximava apertando as mãos dos brabos e, de um em um, palestrava sobre os costumes nordestinos, dizendo frases

encorajadoras e que eles entrariam acanhados, mas depois não iriam querer sair. As aprendizagens dos novos seringueiros aconteciam no próprio local: os brabos, como eram chamados, aprendiam a sangrar, cortar, colher e defumar a seringueira.

O personagem principal retrata a forma de subjugação que o seringueiro sofria antes de adentrar aos seringais, quando narra que, pelo menos um ano de produção no seringal mais farto já estava comprometido, pois a sua viagem, estadia, alimentação, material de trabalho custavam-lhes preços exorbitantes. Os seringueiros tampouco poderiam mudar de local, sem o pagamento de sua dívida, pois, quando esses homens não conseguiam quitar seus saldos, ou eram rejeitados em outras colocações, ou seu destino era cruel – a morte no rio ou na mata era certa.

Para Memmi (2007, p. 161), “o colonizado não existe de acordo com o mito colonialista, mas é, de todo modo reconhecível, ele é fatalmente um ser de carência”. O medicamento do seringueiro, quando adoecia, era chamado “pílulas Gusmão”, feitas artesanalmente. Os seringueiros tinham que reagir às tempestades e curar-se com o companheirismo uns dos outros. A noite era escura e os animais noturnos amedrontavam os homens que agradeciam quando os raios solares despontavam no horizonte. O narrador descreve com emoção a importância desses homens que enfrentaram o sol e a chuva e descobriram os rios Machado, o rio Preto, o Jamari e o Candeias. Apesar de nem sempre as expedições voltarem vitoriosas e haver a perda de muitos seringueiros, foi através delas que muitas colocações se estabeleceram vingando aqueles que morreram no processo de conquista.

Os relatos de viagens de alguns seringueiros junto ao Padre Silveira e a Fábio Moura retratam a loucura de alguns homens que faziam posto e a ausência de punições para eles. Os homens de maior posição tratavam mulheres e outros homens como animais, fazendo atrocidades e tirando-lhes a vida aos poucos com requintes de crueldade e frieza. Bonnici e Zolin (2019, p. 260) reiteram que “o colonialismo, portanto gira em torno de um pressuposto no qual o poderoso ‘centro’ cria sua ‘periferia’”. O autor do romance, por sua vez, retrata a primeira tentativa de uma construção de estrada de ferro tentando contornar os campos encachoeirados

que impediam a produção e o escoamento da borracha com mais agilidade aos portos aviários. Fábio era um verdadeiro defensor dos seringueiros, sabia de suas dificuldades e de seus infelizes momentos na solidão dos barracões: “Imagine-se o martirologista do seringueiro: sozinho e solteiro em sua barraca, afastado quilômetros e quilômetros do centro de população, vendo o companheiro mais próximo de mês em mês” (MAIA, 1958, p. 46). Os únicos momentos de descontração que os seringueiros tinham eram os festejos que aconteciam quando um padre ou alguém de renome pairava sobre as redondezas. Mesmo nesses momentos, não podia haver confusão, pois os desordeiros eram levados aos troncos para serem surrados ou eram penalizados com perfurações de faca em seus ventres e deixados para morrer como animais, sem socorro nem piedade.

A única função do seringueiro era procurar seringueiras das quais pudessem extrair o látex. Não podiam criar animais, nem cultivar verduras, frutas ou quaisquer tipos de alimentos. Sua dependência deveria ser totalmente aos mercados que repassavam os alimentos e algo a mais que quisessem por valores surreais. Quando tinham sorte, entre os seringais encontravam as andejas, indígenas viúvas, que ajudavam a manter o equilíbrio entre os homens e que, de acordo com o narrador, eram parte de uma espécie de comércio sexual humano. O texto demonstra a proporção considerável de seringueiros que morriam, quando adentravam a mata. Fábio relata que, se entravam cem seringueiros na mata, no fim do ano, 20% tinham morrido e 30% estavam enfermos na batalha das selvas, descendo para os barracões do Madeira ou os hospitais de Manaus (MAIA, 1958).

A luta e a felicidade dos seringueiros eram encontrar um campo infestado de seringueiras. Contudo, esses aportes os faziam enfrentar rios encachoeirados, uma selva repleta de animais ferozes e mosquitos infernais. Se chegassem até a área almejada, com certeza haveria índios ferozes que lhes decepariam os membros sem pestanejar. Entretanto, os nordestinos não desistiam: sua persistência era comparada à resistência espartana, pois eram valentes ao residir em tapiris, sozinhos dentro dos espinhais, na escuridão e no silêncio apavorante. Não sabiam ler e a maior parte deles não tinha “reservas espirituais”.

Os seringueiros podiam também ser facilmente lesados por alguns patrões inescrupulosos. Eles não eram avisados dos acréscimos que eram adicionados relacionados às despesas dos rios, valores esses que eram de 100% a 200%. Os seringueiros que adoeciam, mesmo sendo em trabalho, eram tratados como culpados por suas moléstias e teriam que continuar pagando pela sua alimentação e seus remédios. Caso contrário, se achassem ruim, poderiam seguir outros rumos. Direitos trabalhistas não eram válidos para os seringueiros. Se fugissem, não eram vistos com bons olhos. Eles poderiam sair à noite, empacotando tudo que pudessem ou se perdendo pelas matas, até encontrar outro seringalista que podia abonar suas contas com o seringal de onde saía. A outra possibilidade era ir para bem longe, onde não poderia ser encontrado. Se fosse encontrado, apanharia com um cipó chamado “umbigo de boi”.

Em poucas histórias relatadas, os seringueiros tomados pela fúria se rebelaram e tiveram êxitos em suas tocaias. Geralmente os pobres infelizes eram novamente capturados e, como retaliação pela rebeldia, eram maltratados e acabavam mortos para servir de exemplo aos demais que quisessem imitá-lo. As expedições contra os indígenas dizimavam muitos seringueiros que lutavam pelas causas de outrem, vivenciavam chacinas direcionadas por índios que também lutavam pela sobrevivência de suas aldeias.

Na mata, os seringueiros que, por infortúnio, se machucavam e não conseguiam se recuperar, tinham seus membros amputados a sangue frio com terçadadas violentas. Quando uma expedição se perdia em regiões inóspitas, as mortes destes homens eram quase certas, fosse por picadas de cobras venenosas, doenças, ataques de jacaré, por um choque de poraquê, furada de arraia ou mesmo um raio que caísse em meio ao temporal. As mulheres que tivessem complicações em seus partos contavam com as parteiras que possuíam uma sabedoria repassada de geração em geração, para o provimento do bem-estar da mãe e do bebê. Diante da fatalidade do óbito, as regras eram claras: nada de choro, nem lástimas; o fato havia decorrido, porque Deus quis assim.

O seringueiro, desde a entrada das locações, deveria ser domesticado. Era certo ter medo de tudo e se sentir inferior ao colonizador, pois era ele quem tinha os recursos e principalmente

armas e balas, intimidando o oprimido. Estando o seringueiro em território do opressor, não havia independência, porque não havia policiamento, lei, médico ou professor para ajudar essa gente. Não havia nenhum defensor ou salvador.

De acordo com o narrador, os seringueiros foram explorados por muitos anos, até haver um desvio de sementes para cultivo em grande escala. Esse desvio levou à falência muitos seringais e à loucura os colonos que não suportavam a ideia de ter perdido tudo. Os seringueiros, já habituados às suas colocações, também não conseguiam se retirar dos campos e procuravam desesperadamente por cortes que dariam sentido novamente às suas vidas. Eram tempos difíceis. A crise da borracha se perpetuava na economia brasileira. O seringueiro que possuía um pedaço de terra já pensava em um termo que transformaria a vida de sua comunidade, o denominado seringal-fazenda, mantendo a vida dos resistentes ao novo cenário de modernização.

7 Considerações finais

A partir da análise do romance *Beiradão* de Álvaro Maia com o aporte teórico de Bonnici e Zolin (2019) e de Memmi (2007), foi possível chegarmos a algumas observações importantes sobre a obra e seus personagens que representam o seringueiro na literatura. Para Bonnici e Zolin (2019, p. 263), “a crítica pós-colonial, portanto, abrange a cultura e a literatura, ocupando-se de perscrutá-las durante e após a dominação”. Consideramos que o seringueiro, na maioria das vezes, migrava por vontade própria e mediante a venda de ilusões pelos seringalistas e recrutadores de mão de obra, que anunciavam um Eldorado branco, da cor do látex.

Afirmamos que o seringueiro vivenciou uma colonização direcionada pelo coronel responsável pelos seringais e, quando adentrou em um ambiente hostil, foi colocado em uma situação constante de subserviência e abandono. Seja por necessidade, seja por aventura, ele passa a fazer parte de um domínio maior não sendo respeitada a sua vontade, privado de um mínimo de condições necessárias para a sua sobrevivência. Ao seringueiro era negada uma alimentação adequada, dormitórios aconchegantes, direito a

um nível básico de educação e saúde. De acordo com o romance, os seringueiros eram “assalariados que descontavam sempre, - descontavam desde os primeiros dias de trabalho, antes do contato direto com as estradas” (MAIA, 1958, p. 72).

Os descontos dos salários dos seringueiros, portanto, lhe tirariam vários anos de vida. Com muita dificuldade ou por meio de trabalho incansável, eles obteriam saldo para adquirir a sua liberdade, se vissem o suficiente para tal. A perspectiva pós-colonialista nos ajuda a compreender um pouco da história idealizadora do Brasil, que nos foi ensinada e que mostrava apenas a representação ou o enaltecimento do colonizador, aquele homem que chega com as mãos vazias e adquire poder e riqueza fazendo-se por meio da exploração daqueles que não possuíam uma formação nem amparo legal para lutar por seus direitos.

O narrador deixa bem clara a sua postura, ao não concordar com a privação em que o vive o seringueiro. O modelo seringalista não muda, a exploração dos mais pobres será sua riqueza e a demonstração do seu poder. Isso significa, por exemplo, que ele nunca vai dividir a sua terra, criar uma escola para os filhos dos seus extorquidos, não proverá, de nenhuma forma, nem crianças, nem idosos. Isso demonstra que, se não formos leitores críticos, seremos enganados por muitas lentes que filtram a opressão como algo natural e nos retiram a sensibilidade e a humanidade para enxergar a história daqueles que realmente constituem o chão da terra amazônica, porque foram plantados aqui com sua vida e seu sangue. São, por assim dizer, seringueiras encantadas.

O romance é, então, um retrato ficcional de uma realidade que existiu no país, que silenciou vozes através da força do colonizador sobre o colonizado. A seringueira pode ser vista como uma mãe que aleita e como uma madrasta que rejeita e cala. Essa metáfora pode ser percebida no romance. Também é perceptível que o grande vilão da história é o Governo que não se faz presente para minorar o sofrimento do colonizado. É por isso que entendemos que o romance é a metáfora do silêncio, tanto do seringueiro que não tem voz na floresta, porque é silenciado pelo poder do colonizador, como do Governo, que devia cuidar do seringueiro. O silêncio, porém, se faz voz através da literatura e do romance *Beiradão*.

REFERÊNCIAS

BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 4 ed. Maringá: EdUEM, 2019.

MAIA, Álvaro. **Beiradão**. Rio de Janeiro: Editor Borsoi, 1958

MATIAS, Francisco. **Conhecimentos gerais**. Rondônia: [s.n.], 2018.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido do retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

REUTER, Yves. **A análise da narrativa**: o texto, a ficção e narração. 4 ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2014.

SANTOS, Lidia. Milton Hatoum e os seringueiros: o contemporâneo cosmopolitismo amazônico. **Revista Iberoamericana**, New York, v. LXXVI, n. 230, p. 169 - 186, 2010.

SILVA, Pedro Pires. **Retratos Sul – Amazônicos**: fragmento da história do Rio Purus. São Paulo: Scortecci, 2010.

SILVA, Antonio Carlos Galvão da. **O seringal no município de Lábrea**: o espaço e a resistência de um tempo. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2008.

SOUZA, Marcio. **História da Amazônia**. Manaus: Valer, 2009.

WEINSTEIN, Barbosa. **A borracha na Amazônia**: expansão e decadência, 1850 – 1920. São Paulo: HUCITEC – EDUSP, 1993.